

# BRASIL-PORTUGAL

16 DE AGOSTO DE 1903

N.º 110



Charles Page Bryan

Ministro dos Estados Unidos da America, em Lisboa

*Pura o Brasil onde viveu largos annos, este retrato é o de um antigo conhecido e de um amigo. O sr. Bryan tendo encetado a sua carreira diplomatica como ministro na China, passou logo para o Rio de Janeiro onde se demorou, criando numerosas sympathias. Era ali o decano do corpo diplomatico. A estima que o tem acompanhado sempre em todas as nações persegue-o tambem entre nós. Em tão pouco tempo, nunca diplomata algum se soube tornar mais conhecido nem mais estimado. Os artigos dos jornaes publicados por occasião da visita dos navios americanos, são d'isso a prova mais cabal. O sr. Page Bryan que, no banquete da Sala do Risco, se nos revelou um orador correctissimo, encetou a sua carreira publica como adscogado, tendo sido um jornalista distincto e um politico energico. Foi um campeão denodado das leis da organização do trabalho e da Guarda Nacional. É hoje um diplomata fino e inimitavel e um gentleman perfeito.*

# POLITICA INTERNACIONAL

A visita do presidente da republica franceza a Londres e a annunciada visita do rei de Italia a Paris, pondo termo á friezga que respectivamente dominava ha muitos annos nas relações anglo-francezas e franco-italianas, marcaram uma nova era na historia politica da Europa e são segura promessa de um futuro mais desanuado para o nosso continente. Sob este ponto de vista a ida a Inglaterra do sr. Loubet, já realisaada, é acontecimento que merece especial menção, e ainda se nos affigura mais significativo e importante pelas consequências que ha de ter, do que a proxima viagem do rei Victor Manuel.

A rivalidade entre a França e a Inglaterra data de seculos. Desde a guerra dos Cem annos, em plena Edade Media, até ás guerras napoleonicas e ao bloqueio continental no primeiro quartel do seculo xix, pôde dizer-se que não passou uma geração sem que as duas grandes nações se deflitassem em duello habitualmente ferido de parte a parte. Ha poucos annos ainda a questão de Fochade esteve prestes a provocar um conflicto armado entre as duas potencias. A animosidade reciproca dos dois povos, habilmente explorada por terceiros interessados, foi-se ultimamente accentuando por tal fórma, que quasi esqueceram mais recentes e perigosas rivalidades, contra as quaes de resto uma e outra nação antes deviam acatealar-se. Era a Alemanha, que sobretudo ganhava com esta hostilidade entre francezas e ingleses. E no entretanto se ganhava a Alemanha, perdia a civilização occidental, que muito soffria com a acintosa separação dos seus dois melhores colaboradores.

Foi a tão inconveniente estado de cosas para os mais altos interesses da cultura moderna, que a visita de Eduardo VII a Paris e a ida do presidente Loubet a Londres pozeram felizmente termo. De hoje em diante está estabelecida a triplicidade, e os interesses das individuos e do constitucionalismo politico estende a mão n'uma reconciliação sincera á patria dos direitos do homem e da democracia republicana. As duas nações que melhor symbolisam o destino historico do occidente, que tantos interesses tem em commum, e tantas glorias imarcesciveis em commum repartem, vão de novo trabalhar juntas no campo da sciencia, da industria, da transformação social onde as rivalidades, em vez de importarem estacionamento ou recio representam a indispensavel condição de aperfeçoamento e progresso. Comprehende-se que esta inesperada aproximação, que vae desfazer muitos calculos e desmanchar combinações trabalhosamente architectadas, seja recebida com um sorriso amarelo por parte de alguns jornaes allemes, d'aquelles sobretudo que melhor reflectem a tendencia mercantilista do imperio. Não é por isso, porém, a razão para que o resto da Europa não se felicite por um acontecimento tão proprio para a paz do mundo e para a consequente fraternidade entre as nações, que demasiado tem esquecido até hoje os seus verdadeiros interesses.

Apenas abertas as côrtes eleitas pelo partido conservador, e quando mal se tinha discutido o discurso da corôa, o governo presidido pelo sr. Silveira, rijamente accusado pelas duas opposições — a liberal e a republicana — vio-se obrigado a apresentar a demissão, que o rei se apressou a aceitar, apesar do governo não estar em minoria no parlamento. Acto continuo Alfonso XIII encarregou o sr. Villaverde, antigo ministro da fazenda do gabinete demissionario, de formar novo governo, encargo de que este politico rapidamente se desempenhou, estando completo o ministerio e havendo entrado já em funções todos os ministros. As camaras foram encerradas e o sr. Silveira, conforme se diz, vae emprender uma larga viagem pela Europa.

São estes os factos que inesperadamente o telegrapho nos transmittiu nos ultimos dias, e que demandam uma explicação — até onde esta pôde ser dada — a fim de serem comprehendidos pelos leitores menos ao corrente das peripetias intimas da politica hespanhola.

Que o governo do sr. Silveira estava condemnado a desaparecer, ninguém o ignora. A sua sentença de morte lavraram-na as eleições e os tumultos que depois se seguiram, e que o governo na sua fraqueza atougo em sangue. A reacção que o procedimento do sr. Maura levantou no país está na memoria de todos; assim como não esqueceram ainda a impressão enorme produzida em Hespanha, e no extrangeiro pela victoria estrondosa dos republicanos, cujas forças o partido governamental levemente amesquinha, e que affinal se vio serem superiores a todos os calculos. Estes factos sommados á esterilidade ministerial e ás divergencias entre os ministros são explicação sufficiente para a crise, que não foi simplesmente occasionada pela questão da reconstituição da esquadra, como os partidarios do governo caído querem fazer acreditar.

Se, porém, até aqui a situação é clara e facilmente comprehensivel, d'aqui por diante, isto é, desde a chamada do sr. Villaverde para formar gabinete dentro da mesma maioria conservadora, é que se não percebe. A mutação politica foi evidentemente combinada com o presidente do governo demissionario. Qualquer que tivesse sido, porém, o motivo occulto d'esta manobra, que tão veementemente e com tanta razão os republicanos hespanhoes estão condemnando, é certo que ella demonstra a fundamental incapacidade do sr. Silveira para chefe de partido. Nunca o fallecido Canovas teria procedido assim. A retirada do sr. Silveira é uma inhabilidade, que custa a admitir em personagem com tão graves responsabilidades politicas. De duas uma: ou o sr. Villaverde consegue resolver as difficuldades, perante as quaes sossobrou o governo anterior ou não consegue. No primeiro

caso, a abdicção do sr. Silveira é um facto consummado, que necessariamente importa a sua substituição na chefia do partido ou que no mesmo partido occasionará fatal scisção, se, arrependido da sua fraqueza, o ex-presidente do conselho quizer novamente assumir a direcção dos seus correligionarios.

No segundo caso, o sr. Silveira é causa directa do esphaceo do partido conservador, que na presente conjunctura não poderá resistir a dois desastres especiais menção, que he inutilisaram todo o seu pessoal governativo. Não ha que sair d'este dilemma. A opposição tanto monarchica como republicana julga severamente a fugida do sr. Silveira, accusando-o de ter abandonado os altos interesses que lhe estavam confiados.

Passando do governo que saiu ao governo que entrou, alguns actos já da tão curta vida — pouco mais que de horas — do novo ministerio merecem especial menção, não sendo de molde a conciliar-lhe as sympathias publicas, antes preparando-lhe para breve prazo serias difficuldades.

No que diz respeito á distribuição das pastas é para extranhar, que sendo a resolução da questão de fazenda, especialmente da questão monetaria, o motivo da ascensão do sr. Villaverde á presidencia do conselho, elle não tenha reservado para si a pasta das finanças, no meando para ella um anonymo. É uma situação anomala, que não se explica bem, e que terá como resultado enfraquecer o governo para as reformas a executar, tirando ao mesmo tempo todo o prestigio e toda a força moral ao ministro da pasta competente, que passa a ser simples pupilo do chefe do ministerio. De resto todos os ministros são tão anonymos como o da fazenda — *personas non connotas em su casa*, mas pouco á altura das responsabilidades da situação. O sr. Silveira apezar de ter seu ministerio com notabilidades, como os *probombres* do partido conservador. O sr. Villaverde, por confiar de mais em si ou muito pouco nos collegas, seguiu criterio opposto e cercou-se de elementos bastante secundarios. A constituição do seu ministerio faz lembrar a organização de certas companhias theatras ambulantes para exhibição de uma estrella. A figura central tem muito valor. O resto da companhia é mais do que mediocre, prejudicial ao conjunto e a propria estrella, que não tem com quem contracenar. Segundo as melhores probabilidades é o que vae acontecer ao ministerio actual.

O primeiro acto politico do sr. Villaverde foi um grave erro, que já está sendo explorado pelo partido republicano. O manifesto publicado pelo sr. Salmeron frisa bem a violencia contra o parlamento e a violação dos seus encerramentos e côrtes. Tão serio castigo ao governo se houvesse apresentado e sem que fossem approvadas as chamadas leis constitucionales. De facto para começo de vida nova, como o actual presidente do conselho promete dal-a á Hespanha, é algum tanto singular, deve confessar-se.

*Il papa è morto; eccolo il papa!* Morreu Leão XIII; succedeu-lhe Pio X.

Do papa fallecido já dissemos no numero anterior o sufficiente para caracterizar o papel, que elle representou na historia da Igreja. Que diremos do novo papa? Os juizos até este momento (é verdade que estamos a dois dias apenas da eleição) são contradictorios. Enquanto que um o diu como rampollista convicto, a ponto de esperar a confirmação do cardinal Rampolla no cargo de secretario d'estado, outros suppõem-no enfundado ao partido de Vanutelli, dando para isso como razão o ter Pio X tido toda a votação d'este cardeal, e segundo grande elector do Sacro Collegio. Onde estará a verdade? Por ora é difficil saber-o. Apenas certas coincidences parecem deixar transparecer a verdadeira orientação. Tão serio castigo ao governo do pontifice. Um *Leão XIII* significaria, na presente conjunctura, a continuação da politica religiosa do papa fallecido. Um *Pio X* importará a reversão á intransigencia de Pio IX, o fogoso antagonista de todas as liberdades da sociedade civil! É mais do que possível.

O primeiro conflicto com a Italia já se deu. O sr. Zanardelli, indo talvez além do que era licito esperar de um ministro radical, mandou acudir pelas tropas reunidas na praça de S. Pedro ao proclamação do novo papa. Pio X respondeu a esta gentileza do primeiro ministro italiano não participando ao governo do Quirinal a sua eleição, como se tal governo para o Vaticano não existisse, o que provocou como represalia a circular do ministro prohibendo aos funcionarios do estado tomarem parte nos festejos ou quaisquer ceremonias a proposito da eleição do pontifice. O que é mais significativo n'esta attitude de Pio X, é que todos os seus biographos o davam, quando ainda patriarcha de Veneza, extremadamente conciliador e nada hostil ao actual estado de cosas na Italia. Algumas horas passadas na atmosphera do Vaticano foram o sufficiente para transformarem o antigo cardeal Sarto. O que quer dizer, que a orientação do pontificado que começa, depende menos do caracter do pontifice e das suas predilecções do que das poderosas influencias a que vae ficar submettido. Um Rampolla, intelligente, habil e de pulso firme talvez tivesse podido resistir. Por isso o sr. Silveira, em um momento de ser o joguete do «papa negro» ou do «papa vermelho», os verdadeiros senhores da situação. E d'estes só se pôde esperar a confirmação do mote celebre, que tão bem define o caracter dos jesuitas: *sint ut sint aut non sint*.

CONSIGLIERI PEDROSO.



Conselheiro José Ribeiro da Cunha  
Governador civil da Madeira

Ao conselheiro José Ribeiro da Cunha, governador civil da Madeira, presta hoje o «Brasil-Portugal» uma homenagem decidida, publicando o seu retrato e fazendo-o acompanhar de algumas palavras justas.

E que dos altos funcionários que, depois do governo, occupam mais elevada situação politica na administração do reino, elle é sem contestação um dos que mais e melhor tem honrado o cargo e a dignidade de governador civil. A sua administração na Madeira tem sido exemplarissima e toda a cidade do Funchal o considera como um filho adoptivo, tãez não os discipulos que elle tem consagrado à capital da formosissima ilha.

Tãez ha pouco ainda occasião de presenciar a sympathia que todos os habitantes da cidade, nacionaes e estrangeiros, dedicam a José Ribeiro da Cunha, um dos directores do «Brasil-Portugal», que na sua passagem pelo Funchal, onte tão bizarramente foi acolhido, pôde reconhecer ao mesmo tempo o valimento pessoal do governador civil e as qualidades primorosas de educação e de caracter que distinguem aquelle que o governo tão habilmente escolheu para o representar na administração de uma das nossas possessões mais encantadoras e mais bellas.

Juntamente com o retrato do conselheiro José Ribeiro da Cunha publicamos o de sua esposa, a ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Josephina Ribeiro da Cunha, que pela sua intelligencia, e pelos primores do seu tracto, conquistou a veneração e o respeito de todos, não só na melhor sociedade de Lisboa, mas em toda a ilha, á frente de cuja administração está seu marido.

Se o pouco espaço de que dispomos hoje nos não permite consagrar á Madeira algumas paginas, promettemos fazel-o no numero seguinte e n'outros, acompanhando as gravuras que vamos dar com impressões de viagem do director do «Brasil-Portugal», que, depois da gentilissima recepção com que a Madeira acaba de acolher-o, e a sua esposa, percorre n'este momento o archipelago açoriano, afim de que os leitores da Revista possam atravez



D. Josephina Ribeiro da Cunha

da descripção e da arte apreciar no seu justo valor, os encantos, a riqueza e as maravilhas que constituem aquelle paraizo da terra, que é nosso, e que está ao mesmo tempo tão perto e tão afastado de nós.



O conclave. — O sacro collegio reunido



Pio X

Papa successor de Leão XIII





BRASIL — Praia de Botafogo — Rio de Janeiro — ao fundo o Pão de Assucar

## Singularidades de uma rapariga loura

Começou por me dizer que o seu caso era simples — e que se chamava Macário. . .

Devo contar que conheci este homem n'uma estalagem do Minho, Era alto e grosso: tinha uma calva larga, lússida e lisa, com repas brancas que se lhe irriçavam em redor: e os seus olhos pretos, com a pelle em roda enghelhada e amarellada, e olheiras papudas, tinham uma singular clareza e rectidão — por tras dos seus olhos redondos com aros de tartaruga. Tinha a barba rapada, o queixo saliente e resoluto. Trazia uma gravata de setim negro apertada por tras com uma fivela; um casaco comprido cõr de pinhão, com as mangas estreitas e justas e canhões de velludinho. E pela longa abertura do seu collete de seda — onde peluzia um grilhão antigo — sahiam as prégas molles de uma camisa bordada.

Era isto em setembro: já as noites vinham mais cedo, com uma friagem fina e secca e uma escuridão apparatus. Eu tinha descido da diligencia, fatigado, esfomeado, tiritando, n'um cobrejão de listas escarlates.

Vinha de atravessar a serra e os seus aspectos pardos e desertos. Eram 8 horas da noite. Os céos estavam pesados e sujos. E, ou fosse um certo adormecimento cerebral produzido pelo rolar monotono da diligencia, ou fosse a debilidade nervosa da fadiga, ou a influencia da paisagem descompada e chata, sob o concavo silencio nocturno, ou a oppressão da electricidade, que enchia as alturas — o facto é — que eu, que sou naturalmente positivo e realista, — tinha vindo tyrannizado, pela imaginação e pelas chimeras. Existe, no fundo de cada um de nós, é certo, — tão irrisantemente educados que sejamoa, — um resto de mysticismo; e basta ás vezes uma paisagem soturna, o velho muro de um cemiterio, um ermo ascetico, as emollientes brancuras de um luar, — para que esse fundo mystico suba, se alargue como um nevoeiro, encha a alma, a sensação e a idéa, e fique assim o mais mathematico, ou o mais critico — tão triste, tão visionario, tão idealista — como um velho monge pocto. A mim, o que me lançara na chimera e no sonho, fôra o aspecto do mosteiro de Restello, que eu tinha visto, na claridade suave e outomnal da tarde, na sua doce collina. Então, enquanto anottecia, a diligencia rolava continuamente ao trote esgalgado dos seus magros cavalos brancos, e o cocheiro, com o capuz do gabão enterrado na cabeça, ruminava o seu cachimbo — eu puz-me, elegicamente, ridiculamente, a considerar a esterilidade da vida: e desejava ser um monge, estar n'um convento, tranquillo, entre arvoredos, ou na murmurosa concavidade d'um valle, e enquiato a agua da cerca canta sonoramente nas bacias de pedra, ler a limitação, e ouvir os rouxinolos nos loureiros ter saudades do ceo. — Não se pôde ser mais estúpido. Mas eu estava assim, e attribuo a esta disposição visionaria a falta de espirito — a sensação — que me fez a historia d'aquelle homem dos canhões de velludinho.

A minha curiosidade começou a ceia, quando eu desafiava o peito de uma gallinha afogada em arroz branco, com fatias escalar de ses de paio — e a criada, uma gorda e cheia de sardas, fazia espumar o vinho verde no copo, fazendo-o cair do alto de uma caneca vidrada: o homem estava defronte de mim, comendo tranquillamente a sua geléa: perguntê-lhe, com a bocca cheia, o meu guardanapo de linho de Guimarães suspenso nos dedos — se elle era de Villa Real.

— Vivo lá. Ha muitos annos — disse-me elle.

— Terra de mulheres bonitas, segundo me consta, disse eu.

O homem calou-se.

— Hein? tornei.

O homem contrahiu-se n'um silencio saliente. Até ahi estivera alegre, rindo dilatadamente; loquaz, e cheio de bonhomia. Mas então immobillizou o seu sorriso fino.

Compreendi que tinha tocado a carne viva de uma lembrança. Havia de certo no destino d'aquelle velha uma mulher. Ahi estava o seu melodrama ou a sua farça, porque inconscientemente estabeleci-me na idéa de que o facto, o caso d'aquelle homem, deverá ser grotesco, e exhalar escarneo.

De sorte que lhe disse:

— A mim tem-me affirmado que as mulheres de Villa Real são as mais bonitas do Minho. Para olhos pretos Guimarães, para corpos Santos Aleixo, para tranças os Arcos: é lá que se veem os cabelos claros cõr de trigo.

O homem estava calado, comendo, com os olhos baixos.

— Para cinturas finas Vianna, para boas pelles Amaranter — e para isto tudo Villa Real. Eu tenho um amigo que veio casar a Villa Real. Talvez conheça. O Peixoto, um alto, de barba loira, bacharel.

— O Peixoto, sim, disse-me elle, olhando gravemente para mim.

— Veiu casar a Villa Real como antigamente se la casar a Andaluzia — questão de arranjar a fina flor da perfeição. — A sua saude.

Eu evidentemente constrangia-o, porque se ergueu, foi á janella com um passo pesado, e eu reparei então nos seus grossos sapatos de casimira com sola forte e atilhos de couro. E sahiu.

Quando eu pedi o meu castical a criada trouxe-me um candieiro de latão lustroso e antigo e disse:

— O senhor está com outro. É no n.º 3.

Nas estalagens do Minho ás vezes, cada quarto é um dormitório impertinente.

— Vá, disse eu.

O n.º 3 era no fundo do corredor. A's portas dos lados os passageiros tinham pôsto o seu calçado para engraxar: estavam umas grossas botas de montar, enlameadas; com esporas de corria; os sapatos brancos de um caçador, botas de proprietario, de altos cannos vermelhos; as botas de um padre, altas, com a sua boria de retroz; os botins cambados de bezerro, de um estudante; e a uma das portas, a n.º 15, havia umas botinas de mulher, de duraque, pequeninas e finas, e ao lado as pequeninas botas de uma creança, todas coçallas e batidas, e os seus cannos de pellica-mór caiam lhe para os lados com os atacadores destoados. Todos dormiam. De frente do n.º 3 estavam os sapatos de casimira com atilhos; e quando abri a porta vi o homem dos canhões de velludinho, que amarrava na cabeça um lenço de seda: estava com uma jaqueta curta de ramagens, uma meia de lã, grossa e alta, e os pés mettidos n'uns chinellos de orello.

— O senhor não repare, disse elle.

— A vontade — e para estabelecer a intimidade tirei o casaco. Não direi os motivos porque elle d'ahi a pouco, já deitado, me disse a sua historia. Ha um proverbio alavo da Galicia que diz: "o que não contas á tua mulher, o que não contas ao teu amigo, contal-o a um extranho, na estalagem". Mas elle teve raiva inesperada e dominante para a sua larga e sentida consciencia. Foi a respeito do meu amigo Peixoto, que fôra casar a Villa Real. Vi o chorar, áquelle velho de quasi sessenta annos: talvez a historia seja julgada trivial: a mim, que n'essa noite estava nervoso e sensível, pareceu-me terrivel, — mas conto-a apenas com um accidente singular da vida amorosa. . .



Cidade de Fronteira Interior de Vila.

Frente do côro do convento de Santa Clara em Santarém

Começou pois por me dizer que o seu caso era simples — e que se chamava Macario.

Perguntei-lhe então se era de uma familia que se conhecera que tinha o appellido de Macario. E como elle me respondeu que era primo d'esses, eu tive logo o seu caracter uma idéa sympathica, porque os Macarios eram uma antiga familia, quasi uma dynastia de commerciantes, que mantinham com uma severidade religiosa a sua velha tradição de honra e de escrupulo. Macario disse-me que n'esse tempo, em 1823 ou 33, na sua mocidade, seu tio Francisco tinha em Lisboa um armazem de pannos, e elle era um dos caixeiros. Depois o tio compentrára-se de certos instinctos intelligentes e do talento pratico e arithmetico de Macario, e deu-lhe a escripturação. Macario tornou-se o seu *guarda-livros*.

Disse-me elle que sendo naturalmente lymphatico e mesmo tímido, a sua vida tinha n'esse tempo uma grande concentração. Uma grande simplicidade social aclarava os costumes: os espiritos eram mais ingenuos, os sentimentos menos complicados.

Jantar alegremente n'uma horta, debaixo das parreiras, vendo correr a agua das regas — chorar com os melodramas que rugiam entre os bastidores do Salitre, allumiados a cêra, eram contentamentos que bastavam á burguezia cautelosa. Além d'isso os tempos eram confusos e revolucionarios: e nada torna o homem recolhido, conchegado á lareira, simples e facilmente feliz — como a guerra. E a paz que dando os vagares da imaginação — causa as impaciencias do desejo.

Macario aos vinte e dois annos, ainda não tinha — como lhe dizia uma velha tia, que fora queirida do desembargador Curvo Semedo, da Arcadia, — sentido *Venus*.

Mas por esse tempo veio morar para defronte do armazem dos Macarios, para um terreno andar, uma mulher de quarenta annos, vestida de luto, uma delle branca e baixa, o busto bem feito e redondo, e um aspecto desejavel. Macario tinha a sua carteira no primeiro andar por cima do armazem, ao pé de uma varanda, e d'ali viu uma manha aquella mulher com o cabelo preto solto e anellado, um chabre branco e braços nus, chegar-se a uma pequena janella de peitoril, a sacudir um vestido. Macario affirmou-se e sem mais intenção dizia mentalmente que aquella mulher aos vinte annos devia ter sido uma pessoa captivante e cheia de dominio: porque os seus cabellos violentos e asperos, o sobrio e enfiado, o labio forte, o perill aquilino e firme, revelavam um temperamento activo, e imaginações apaixonadas. No entanto, continuou serenamente alinhando as suas cifras. Mas á noite estava sentando fumando á janella do seu quarto que abria sobre o pateo: era em julho e a atmosphera estava electrica e amorosa: a rebeca de um vizinho gemia uma *chacarra mourisca*, que então sensibilisa, e era de um melodrama; o quarto estava n'uma penumbra doce e cheia de mysterio — e Macario, que estava em chinellos, começou a lembrar-se d'aquelles cabellos negros e fortes e d'aquelles braços que tinham a côr dos marmores pallidos: espreguiçou-se, rolou morbi-

damente a cabeça pelas costas da cadeira de vime, como os gatos sensiveis que se esfregam, e decidiu bocejando que a sua vida era monotonica. E ao outro dia, ainda impressionado, sentou-se á sua carteira com a janella toda aberta, e olhando o predio fronteiro, onde viviam aquelles cabellos grandes — começou a apurar vagarosamente a sua penna de rama. Mas ninguem se chegou á janella de peitoril, com caixilhos verdes. Macario estava enfatiado, pesado e o trabalho foi lento. Pareceu-lhe que havia na rua um sol alegre, e que nos campos as sombras deviam ser minuciosas e que a janella, bem, vendo o palpatar das borboletas brancas nas madre-sivas! E quando se fechou a carteira sentiu defronte correr-se a vidraça; eram decerto os cabellos pretos. Mas appareceram uns cabellos loiros. Oh! e Macario veiu logo salientemente para a varanda apurar um lapis. Era uma rapariga de vinte annos, talvez, fina, fresca, loira como uma vinhetta inglesa: a brancura da pelle tinha alguma coisa de transparencia das velhas porcelanas, e havia no seu perfil uma linba pura como de uma medalha antiga, e os velhos poetas pittorescos ter-lhe-hiam chamado — pomba, arminho, neve e cirio.

Macario disse consigo: é filha. A outra vestia de luto, mas esta, a loira, tinha um vestido de cassa com pintas azues, um lenço de cambraia traspasado sobre o peito, as mangas perdidas com rendas, e tudo aquillo era acceito, moço, fresco, flexivel e tenro.

Macario n'esse tempo era loiro, com a barba curta. O cabelo era anellado, e a janella devia ter aquelle ar secco e nervoso que depois do seculo xviii e da revolução — foi tão vulgar nas raças plebeas.

A rapariga loira reparou naturalmente em Macario, mas naturalmente desceu a vidraça, correndo por traz uma cortina de cassa bordada. Estas pequenas cortinas datam de Gethel e ellas teem na vida amorosa um interessante destino — revelam: levantar-lhes uma ponta e espeltrar, franzil-a suavemente, em

vela um fim; correl-a, pregar n'ella uma flor, agital-a fazendo sentir que por traz um rosto attento se move e espera — são velhas maneiras com que na realidade e na arte começa o romance. A cortina ergueu-se devanilhando e o espirito de Macario

Macario não me contou por pulsões — historia minuciosa do seu coração. Disse singelamente que d'ahi a cinco dias — *estava doido por ella*. O seu trabalho tornou-se logo vagoroso e infiel e o seu bello cursivo inglez firme e largo ganhou curvas, ganchos, rabiscos, onde estava todo o romance impaciente dos seus nervos. Não a podia vêr pela manha; o sol mordente de julho batia e escaudava a pequena janella de peitoril. Só pela tarde, a cortina se franzia, se corria a vidraça, e ella, estendendo uma almodadilha no rebordo do peitoril, vinha encostar-se mimosa e fresca com o seu leque. Leque que preoccupou Macario: era uma ventarola chinesa, redonda, de seda branca com dragões escarlates bordados á penna, uma cercadura de plumagem azul, fina e tremula como uma penugem e o seu cabo de marfim, d'onde pendiam duas borlas de fio de ouro; tinha incrustações de nacar á linda maneira persa.

Era um leque magnifico e n'aquelle tempo inesperado nas mãos plebeas de uma rapariga vestida de cassa. Mas como ella era loira e a mãe tão meridional, Macario, com esta intuição interpretativa dos namorados, disse á sua curiosidade: será filha de um inglez. O inglez vai á China, á Persia, a Ormuz, á Australia e vem cheio d'aquellas joias dos luxos exóticos, e nem Macario sabia por que é que aquella ventarola de mandarina o preoccupava assim: mas segundo elle me ditava, a mãe e o pai tinham sido uma almodadilha.

Tinha se passado uma semana, quando um dia Macario viu, da sua carteira, que ella, a loira, saia com a mãe, porque se acostumara a considerar mãe d'ella aquella magnifica pessoa, magnificamente pallida e vestida de luto.

Macario veiu á janella e viu-a atravessar a rua, e entrarem no armazem. No seu armazem! Desceu logo tremulo, soffrego, apaixonado e com palpitações. Estavam ellas já encostadas ao balcão e um caixeiro desolado, e de casimiras pretas. Isto comoveu Macario. Elle mesmo n'ô disse:

— Porque enfim, meu caro, não era natural que ellas viessem comprar, para si, casimiras pretas.

E não: ellas não usavam *amansas*, não queriam decerto estar far cadeiras com casimira preta, não havia homens em casa d'ellas, portanto aquella vinda ao armazem era um meio delicado de o ver de perto, de lhe fallar a linba, o encanto penetrante de uma mentira sentimental. Eu disse a Macario: que não, assim, elle devia estranhar aquelle movimento amoroso, porque denotava na mãe uma complexidade equívoca. Elle confessou-me que nem penetrava em tal. O que fez foi chegar ao balcão e dizer estupidamente:

— Sim senhor, vão bem servidas, estas casimiras não encolhem.

E a loira ergueu para elle o seu olhar azul e foi como se Macario se sentisse envolvido na doçura de um céo.

Mas quando elle se foi, disse-lhe uma palavra reveladora e vehemente, appareceu ao fundo do armazem o tio Francisco, com o seu comprido casco côr de pinhão, de botões amarellos. Como era singular e desusado achar-se o ar. guarda-livros vendendo ao balcão,

e o tio Francisco com a sua critica estreita e celibataria escandalizar-se, Macario começou a subir vagarosamente a escada em carreira que levava ao escriptorio, e ainda ouviu a voz delicada da loira dizer brandamente:

— Agora queria ver lenços da India.  
— E o caixeiro foi buscar um pequeno pacote d'aquelles lenços, acamados e apertados n'uma tira de papel dorado.

Macario que tinha visto n'aquella visita uma revelação de amor, quasi uma declaração, esteve todo o dia entregue ás impaciencias amargas da paixão. Andava distrahirido, abstracto, pueril, não deu atenção á escripturação, jantou calado, sem escutar o tio Francisco que exaltava as almondegas, mal reparou no seu ordenado que lhe foi pago em pintos ás treze horas, e não entendeu bem as recommendações do tio e a preoccupação dos caixeiros sobre o desaparelhamento de um pacote de lenços da India:

— E o costume de deixar entrar pobres no armazem, tinha dito no seu laconismo magestoso o tio Francisco; são 12\$000 réis de lenços. Lance á minha conta.

Macario no entanto ruminava secretamente uma carta, mas succedea que ao outro dia, estavada elle á varanda, a mãe, a de cabellos pretos, veiu encostar-se ao peitoril da janella, e n'este momento, passava na rua um rapaz amigo de Macario, que vendo aquella senhora affirmou-se e tirou-lhe com uma cortezia toda risinha o seu chapéu de palha. Macario ficou raziado: logo n'essa noite procurou o amigo, e abruptamente sem meios tinto:

— Quem é aquella mulher que tu hoje cumprimentaste de frente do armazem?

— É a Villaga. Bella mulher.

— E a filha?

— Sim, uma loira, clara, com um leque chinês.

— Ah! sim. É' filha.

— E' que eu fiz d'isso...

— Sim e então?

— É bonita.

— É bonita.

— E' gente de bem, hein?

— Sim, gente de bem.

— Está bom! Tu conhece-as muito?

— Conheço-as. Muito não. Encontrava-as d'antes em casa de D. Cláudia.

— Bem, ouve lá.

E Macario, contando a historia do seu coração acordado e exigente, e falando do amor com as exaltações de então, pediu-lhe como a gloria da sua vida que achasse um meio de o encovar lá. Não era difficil. As Villagas costumavam ir aos sabbados a casa de um tabellião muito rico das ruas dos Calafates: eram assembleias simples e pacatas, onde se cantavam motetes ao cravo, se glosavam motes e havia jogos de prendas do tempo da senhora D. Maria. Lá ás 9 horas a creada servia a orchata. Bem. Logo no primeiro sabbado, Macario, de casaca azul, calças de ganga com presilhas de trama de metal, gravata de setim roxo, curvava-se deante da esposa do tabellião, a sr.<sup>a</sup> D. Maria da Graça, pessoa secca e aguçada, com um vestido bordado a matiz, um nariz adunco, uma enorme luneta de tartaruga, a pluma de marabot nos seus cabellos grisalhos. A um canto da sala já lá estava, entre um *fronton* de vestidos enormes, a menina Villaga, a loira, vestida de branco, simples, fresca, com o seu ar de gravura colorida. A mãe Villaga, a sobrinha mulher pallida, cochichava com um desembargador de figura apopletica. O tabellião era homem letrado, latinista, e amigo das musas, escrevia n'um jornal de então a *Alcova das Damas*: porque era sobretudo galante, e elle mesmo se intitulava n'uma ode pittoresca, *moço escudeiro de Venus*. Assim as suas reunioes eram occupadas pelas bellas-artes — e n'uma noite um poeta do tempo devia vir ler um poemeto intitulado *Elmira ou a vingança do veneziano*... Começavam então a apparecer as primeiras aduicias romanticas. As revoluções da Grecia principavam a atrahir os espiritos romanescos e saídas da mythologia para os paizes maravilhosos do oriente. Por toda a parte se falava do pachá de Janina. E a poesia apossava-se vorazmente d'este mundo novo e virginal de minaretes, serrallhos, sultanas cor de ambar, piratas do archipelago, e saias rendilhadas, cheias do perfume do álaoe onde pacháes doctos acariaciam leões. — De sorte que a curiosidade era grande — e quando o poeta appareceu com os cabellos compridos, o nariz adunco e fatal, o pescoco entalado na alta gola do seu frak á restauração e um canudo de lata na mão — o sr. Macario é que não teve sensação, porque lá estava todo absorvido, falando com a menina Villaga, e dizia-lhe meigamente:

— Então, n'outro dia, gostou das casimiras?

— Muito, disse-lhe a loira.

— E desde esse momento envolveu os um destino nupcial.

No entanto na larga sala, a noite passava-se espiritualmente. Macario não pode dar todos os pormenores historicos e caracteristicos d'aquella assembleia. Lembra-se apenas que um corregedor de Leiria recitava o *Madrigal a Lydia*: lia-o de pé, com uma luneta redonda applicada sobre o papel, a perna direita estendida para deante, a mão na abertura do cotele branco de gola alta, e em redor o circulo das damas, recamadas de vestidos de ramagens, cobertas de plumas, as mangas estreitas, terminadas n'um fofó de rendas; mitenes de retroz preto cheios da scintillação dos anneis; tinham sorrisos ternos, cochichos, doces murmurações, risinhos, e um brando palpitar de leques recamados de lantejoulas. — Muito bonito, diziam, muito bonito! E o corregedor desviando a luneta, cumprimentava sorrindo, e via-se-lhe um dente pino.

Depois a preciosa D. Jeronyma da Piedade e Sande, sentando-se com maneiras commovidas, ao cravo, cantou com a sua voz roufina, a antiga aria de Sully

Oh Ricardo, oh meu rei,

O mundo te abandona,

o que obrigou o terrivel Gaudencio, democrata de 20 e admirador

de Robespierre, a rosnar rancorosamente junto de Macario:

— Reis-viboras!  
Depois, o conego Saavedra cantou uma modinha de Pernambuco muito usada no tempo do senhor D. João VI: *lindas moças, lindas moças* — e a noite ia assim correndo, litteraria, pachorrenta, erudita, requintada e toda cheia de musas.

Oito dias depois, Macario era recebido em casa da Villaga, n'um domingo. A mãe convidára-o, dizendo-lhe: espero que o visinho honre aquella choupana. E até o desembargador apopletico, que estava ao lado, exclamou: choupana! diga açacari! formosa dama!

Estava, n'esta noite, o amigo do chapéu de palha, um velho cavalleiro de Malta, tropez, estupido e surdo, um beneficiado da sé, illustre pela sua voz de tiple, e as manas hilarias, a mais velha das quaes tendo assistido como aia de uma senhora da casa da Mina, á tourada de Salvaterra, em que morreu o conde dos Arcos, nunca deixava de narrar os episodios pittorescos d'aquella tarde: a figura do conde dos Arcos de cara rapada e uma lita de setim escarlate no rabicho; o soneto que um magro poeta parasita da casa de Vimioso recitou quando o conde entrou, fazendo ladear o seu cavallo negro, arreado á hespanhola, e um chairei onde as suas armas estavam lavradas em prata: o tombo que n'esse momento um frade de S. Francisco deu da trincheira alta, e a hilaridade da corte, que até á sr.<sup>a</sup> condessa de Povodile apertava as mãos nas ilharças: depois el-rei o senhor D. José I, vestido de velludo escarlate, recamado de ouro, todo encostado ao rebordo do seu planque, e fazendo girar entre dois dedos a sua caixa de rapé cravejada, e por traz immovelis, o physico Lourenço, e o frade, seu confessor: depois o rico aspecto da praça cheia de gente de Salvaterra, maiores, mendigos dos arredores, frades, lacaios, e o grito que houve, quando D. José I entrou: — Viva el-rei, nosso senhor, e o povo ajoelhou, e el-rei tinha-se sentado, comendo doces, que um criado trouxe apoiada á alta bengala, forte, espaduado, e com o aspecto carregado, o marquez de Pombal, falando devagar e intimamente, e gesticulando com a luneta: mas os batedores picaram, os estalos dos postilhões retiniram, e a berlinda partiu a galope, emquanto o povo



Closter de S. Francisco, Igreja de São João.

Um aspecto do claustro do convento de Santa Clara, em Santarem

gritava: Viva el-rei nosso senhor — e o sino da porta da capella do paço tocava a linados! Era uma honra que el-rei concedia á casa dos Arcos.

Quando D. Hilaria acabou de contar, suspirando, estas desgraças passadas, começou-se a jogar. Era singular que Macario não se lembrasse do que tinha jogado n'essa noite radiosa. Só se recordava que elle tinha ficado ao lado da menina Villaça, que se chamava Luiza, que elle reparara muito na sua fina pelle rosada, tocada de luz, e na meiga e amorosa pequenez da sua mão com uma unha mais polida que o marfim de Dieppe. E lembrava-se tambem de um accidente excentrico, que determinava n' elle, desde esse dia, uma grande hostilidade ao clero da sé. Macario estava sentado á mesa e ao pé d'elle Luiza: Luiza estava toda voltada para elle, com uma das mãos apoiando a sua fina cabeça loura e amorosa, e a outra esquerda no regaço. De frente estava o beneficiado, com o seu barrete preto, os seus oculos na ponta aguda do nariz, o tom azulado da forte barba rapada, e as suas duas grandes orelhas, complicadas e cheias de cabello, separadas do craneo como dois postigos abertos. Ora, como era necessario no fim do jogo pagar uns tentos

— e attribuiu-a ao beneficiado. A peça rolára, de certo, até junto d'elle, sem ruido, elle pozera-lhe em cima o seu vasto sapato ecclesiastico e taxado, depois no movimento brusco e curto que tivera, empolgara-a vilmente. E quando saíram o beneficiado, todo embrilhado no seu vasto capote de camêlo, dizia a Macario pela escada:

— Ora o sumiço da peça, hein, que brincadeira!  
— Acha sr. beneficiado, disse Macario parando, absorto de imprudencia.

— Ora essa! se acho! Se lhe parece! Uma peça de 7500 réis. Só se o senhor as semeia! Safa! Eu dava em doido.  
Macario teve tedio d'aquella astucia fria. Não lhe respondeu. O beneficiado é que acressentou:

— A'manhã mande lá pela manhã, homem. Que diabo... Deus me perdoe! Que diabo, uma peça não se perde assim. Que bolada, hein!

E Macario tinha vontade de lhe bater.

Foi n'este ponto que Macario me disse com a voz singularmente sentida:



Chiesa de Francisco Ignacio da Silva.

Fundo do côro do convento de Santa Clara, em Santarem

ao cavalleiro de Malta que estava ao lado do beneficiado, Macario tirou da algibeira uma peça e quando o cavalleiro, todo curvado e com um olho piscado, fazia a somma dos tentos nas costas de um az, Macario conversava com Luiza, e fazia girar sobre o panno verde a sua peça de ouro, como um bilro ou um peão. Era uma peça nova que luizia, faiscava, rodando, e fazia a vista como uma bola de neve dourada. Luiza sorria vendo-a girar, girar, e parecia a Macario que todo o céu, a pureza, a bondade das flores e a castidade das estrellas, estavam n'aquelle claro sorriso, distraído, espirital, archangelico com que elle gira, gira, gira, a peça de ouro nova. Mas de repente a peça correndo até á borda da mesa cahiu para o lado do regaço de Luiza, e desapareceu, sem se ouvir no soalho de taboas o seu ruido metalico. O beneficiado abaixou-se logo cortezmente: Macario afastou a cadeira, olhando para debaixo da mesa: a mãe Villaça allumiou com um castiçal, e Luiza ergueu-se e sacudiu com pequenina pancada o seu vestido de cassa. A peça não appareceu.

— E' celebre, disse o amigo de chapéu de palha, eu não ouvi te-nir no chão.

— Nem eu, nem eu, disseram.

O beneficiado, curvado como um F buscava tenazmente, e Hilaria, mais nova, rosava o responso de Santo Antonio.

— Pois a casa não tem buracos, dizia a mãe Villaça.

— Simigo assim, resmungava o beneficiado.

No entanto Macario exhalava-se em exclamações desinteressadas.

— Pelo amor de Deus! Ora que tem! A'manhã apparecerá! Tenham a bondade! Por quem são! Então sr.ª D. Luiza. Pelo amor de Deus! Não vale nada.

Mas mentalmente estabeleceu — que houvera uma subtração

— Emfim meu amigo, para encurtarmos razões resolvi-me casar com ella.

— Mas a peça.

— Não pensei mais n'isso! Pensava eu lá na peça! Resolvi-me casar com ella!

II

Macario contou-me o que o determinára mais precisamente áquella resolução profunda e perpetua. Foi um beijo. Mas esse caso, casto e simples, eu calo-o; — mesmo porque a unica testemunha foi uma imagem em gravura da Virgen, que estava pendurada no seu caixilho de pau preto, na saleta escura que abria para a escada . . . Um beijo fugitivo, superficial, ephemero. Mas isto bastou ao espirito recto e severo para o obrigar a tomar-a como esposa, a dar-lhe uma fé immutavel, e a posse da sua vida. Taes foram os seus esponsaes. Aquella sympathica sombra de janellas vizinhas tornara se para elle um destino, o fim moral da sua vida, e toda a idéa dominante do seu trabalho. E esta historia toma desde logo um alto caracter de santidade e de tristeza.

Macario falou-me muito do caracter e da figura do tio Francisco; a sua possante estatura, os seus oculos de ouro, a sua barba grisalha, em collar, por baixo do queixo, um tic nervoso que tinha n'uma aza do nariz, a dureza da sua voz, a sua austera e magestosa tranquillidade, os seus principios antigos, auctoritarios e tyrrannicos, e a brevidade telegraphica das suas palavras.

Quando Macario lhe disse uma manhã ao almoço, ex-abruptamente, sem transições emollientes: peço-lhe licença para casar — o tio Francisco, que detava o assucar no seu café, ficou calado, remechendo com a colher, devagar, magestoso e terrivel: e quando

acabou de sorver pelo pires, com grande ruído, tirou do peçoço o guardanapo, dobrou-o, aguçou-o a faca o seu palito, meteu-o na bocca e saiu: mas á porta da sala parou e voltando-se para Macario, que estava de pé, junto da mesa, disse seccamente:

- Não.
- Perdão, tio Francisco.
- Não.
- Mas oiça, tio Francisco.
- Não.

Macario sentiu uma grande colera:

- N'esse caso, faço o sem licença.
- Despedido da casa.
- Sairei. Não haja duvida.
- Hoje.
- Hoje.

E o tio Francisco, ia a fechar a porta, mas voltando-se:

— Olá, disse elle a Macario, que estava exasperado, apoplectico, raspando nos vidros da janella.

Macario voltou-se com uma esperança.

— Dê-me d'ahi a caixa do rapé, disse o tio Francisco.

Tinha-lhe esquecido a caixa! Portanto estava perturbado.

— Tio Francisco, começou Macario.

— Basta. Estamos a 12. Recobrerá o seu mez por inteiro. Vá.

As antigas educações produziam estas situações insensatas. Era brutal e idiota. Macario affirmou-me que era assim.

N'essa tarde Macario achava-se no quarto de uma hospedaria na Praça da Figueira com seis peças, o seu bahu de roupa barata e o seu paizão. No entanto estava tranquillo. Sentia o seu destino cheio de apuros. Tinha relações e amizades no commercio. Era co-

o patamar: uma lamparina ardia em cima da mesa: era feliz ali n'aquella penumbra, todo sentado castamente, ao pé de Luiza, a um canto de um velho canapé de palhinha: não a via de dia, porque trazia já a roupa usada, as botas cambadas, e não queria mostrar, á fresca Luiza, toda mimosa nas suas cambrairs acieadas, a sua miseria remediada: ali aquella luz tenue e esbatida, elle exhalava a sua paixão crescente e escondia o seu fato decadente. Segundo me disse Macario — era muito singular o temperamento de Luiza. Tinha o caracter loiro, como o cabelo — se é certo que o loiro é uma crô fraca e debotada: falava pouco, sorria sempre com os seus brancos dentinhos, dizia a tudo *pois sim*: era mais simples, quasi indifferente, cheia de transigencias.

Amava de certo Macario, mas com todo o amor que podia dar a sua natureza debil, agoada, nulla. Era como uma estrega de linho, flava-se como se quera: e ás vezes n'aquelles encontros nocturnos, tinha somno.

Um dia porém Macario encontrou a excitada: estava com pressa, o chale traçado á toa, olhando sempre para a porta interior.

— A mamã percebeu, disse ella.

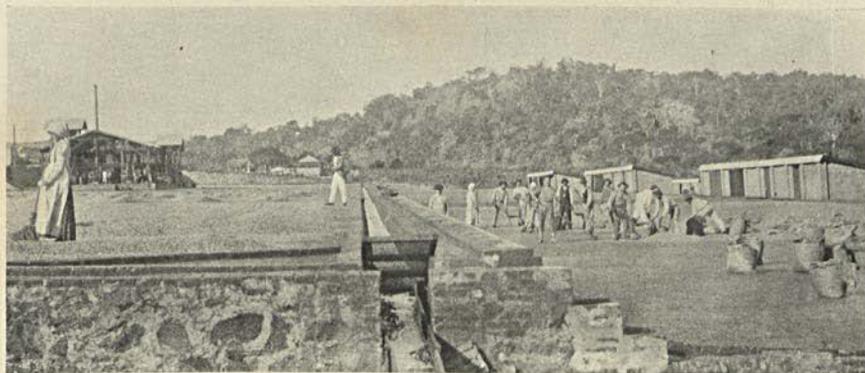
E contou-lhe que a mãe desconfiava, ainda rabujenta e aspera, e que decerto farejava aquelle plano nupcial tramado como uma conjuração.

— Porque não me vens pedir á mamã?

— Mas, filha, se eu não posso. Não tenho arranjo nenhum. Espera. E' mais um mez talvez. Tenho agora ahi um negocio em bom caminho. Morriamos de fome.

Luiza calou-se, torcendo a ponta do chale, com os olhos baixos.

— Mas ao menos, disse ella, enquanto eu te não fizer signal da janella, não subas mais, sim.



BRASIL. — Terreiros da Fazenda Dumont em Ribeirão Preto

nhecido vantajosamente: a nitidez do seu trabalho, a sua honra tradicional, o nome da familia, o seu tacto commercial, o seu bello cursivo inglez abriam-lhe, de par em par, respeitosa e todas as portas dos escriptorios. No outro dia foi procurar alegremente o negociante Falleiro, antiga relação commercial da sua casa.

— De muito boa vontade, meu amigo, disse-me elle. Quem m'ô dera cá. Mas se o recebo, fico de mal com seu tio, meu velho amigo de vinte annos. Elle declarou-m'ô categoricamente. Bem vê. Força maior. Eu sinto, mas...

E todos, a quem Macario se dirigiu, confiado em relações solidas, receavam, ficar de mal com o seu tio meu velho amigo de vinte annos.

E todos sentiam, mas...

Macario dirigiu-se então a negociantes novos, estranhos á sua casa e á sua familia, e sobretudo aos estrangeiros: esperava encontrar gente livre da amizade de vinte annos do tio. Mas para esses Macario era desconhecido, e a sua dignidade e o seu habil trabalho. Se tomavam informações sabiam que elle fora despedido da casa. Esta circumstancia tirava as sympathias a Macario. O commercio evita o guarda-livros sentimental. De sorte que Macario começou a sentir-se n'um momento agudo. Procurando, pedindo, recusando, o tempo passava, sorvendo, pinto a pinto, as suas seis peças.

Macario, mudou para uma estalagem barata, e continuou farejando. Mas como fóra sempre de temperamento recolhido, não creára amigos. De modo que se encontrava desamparado e solitario — e a vida apparecia-lhe como um descampado.

As peças finlaram. Macario entrou, pouco a pouco, na tradição antiga da miseria: ella tem solemnidades fataes e estabelecidas: começou por empenhar. Depois vendeu. Relógio, aneis, casaco azul, cadeia, paletot de alamares, tudo foi levando pouco e pouco, embrulhado debaixo do chale, uma velha secca e cheia de asthma.

No entanto via Luiza de noite, na saleta escura que dava para

Macario rompeu a chorar; os soluços saiam violentos e desesperados.

— Chut! dizia-lhe Luiza. Não chores alto!...

Macario contou-me a noite que passou ao acaso pelas ruas, ruminando febrilmente a sua dor, e lutando, sob a nudente friagem de janeiro, na sua quinzena curta. Não dormiu, e logo pela manhã, ao outro dia, entrou como uma rajada no quarto do tio Francisco e disse-lhe abruptamente, seccamente:

— E' tudo o que tenho — e mostrava-lhe tres pintos. Roupa estou sem ella. Vendi tudo. D'aqui a pouco tenho fome.

O tio Francisco, que fazia a barba á janella, com o lenço da India amarrado na cabeça, voltou-se, e pondo os olhos, fitou-o.

— A sua carteira lá está. Fique, e acrescentou, com um gesto decisivo — solteiro.

— Tio Francisco ouça-me.

— Solteiro, disse eu, continuou o tio Francisco, dando o fio á navalha, n'uma tira de sola:

Não posso.

Então, sau.

Macario riu, estonteado. Chegou a casa, deitou-se, chorou e adormeceu. Quando sahi, á notinha, não tinha resolução, nem idea. Estava como n'uma esponja saturada. Deixava-se ir.

De repente, uma voz disse de dentro de uma loja:

— Eh! pst! olá!

Era o amigo de chapéu de palha: abriu grandes braços pasmados.

— Que diacho, desde manhã que te procuro!

E contou-lhe que tinha chegado da provincia, tinha sabido a sua crise, e trazia-lhe um desenlace.

— Queres?

— Tudo.

Uma casa commercial queria um homem habil, resoluto e duro, para ir n'uma commissão difficil e de grande ganho a Cabo Verde.

— Prompto, disse Macario. Prompto. Amanhã.



BRASIL. — Fazenda Dumont, no Rio Preto



BRASIL. — Fazenda Dumont, no Rio Preto

E foi logo escrever a Luiza pedindo-lhe uma despedida, um ultimo encontro, aquelle em que os braços desolados e rehesentes tanto custam a desenlaçar-se. Foi Encontrou-a toda embrulhada no seu chale, tiritando de frio. Macario chorou. Ella, com a sua passiva e loira doçura, disse-lhe:

— Fazes bem. Talvez ganhes.

E ao outro dia Macario partiu.

Conheceu as viagens trabalhosas nos mares inimigos, o enjôo monotonico n'um heliche abafado, os duros soes das colonias, a brutalidade tyrânica dos fazendeiros ricos, o peso das fardas humilhantes, as dilacerações da ausencia, as viagens ao interior das terras negras, e a melancolia das caravanas que costeiam por violentas noites, durante dias e dias, os rios tranquillos, d'onde se exhalava a morte.

Voltou.

E logo n'essa tarde a viu a ella, Luiza, clara, fresca, repousada, serena, encostada ao peitoral da janella com a sua ventarola chinesa. E ao outro dia, soffregamente, foi pedi-la a mãe. Macario tinha feito um ganho saliente — e a mãe Villaça abriu-lhe uma grandes braços amigos, cheia de exclamações. O casamento decidiu-se para d'ahi a um anno.

— Por quê? disse eu a Macario.

E elle explicou-me que os lucros de Cabo Verde não podiam constituir um capital definitivo: eram apenas um capital de habi-

tudo estava se viu assim, só e pobre, Macario desatou a chorar. Tado estava perdido, findo, extincto; era necessario recommençar pacientemente a vida, voltar ás longas miserias de Cabo Verde, tornar a tremer os pesados desesperos, suar os antigos suorres! E Luiza? Macario escreveu-lhe. Depois rasgou a carta. Foi a casa d'ella: as janellas tinham luz: subiu até ao primeiro andar, mas ahi tomou uma magua, uma covardia de revelar o desastre, o pavor tremulo de uma separação, o terror de ella se recusar, negar-se, hesitar! E quereria ella esperar mais! Não se atreveu a falar, explicar, pedir; desceu pé ante pé. Era noite. Andou ao acaso pelas ruas: havia um sereno e silencioso luar. Ia sem saber: de repente ouviu: havia uma janella allumiada, uma rabeca que tocava a *sucara maurisca*. Lembrou-se do tempo em que conhecera Luiza, do bom sol claro que havia então, e do vestido d'ella, de casa com pintas azues! Estava na rua onde eram os armazens do tio. Foi caminhando. Pôz-se a olhar para a sua antiga casa. A janella do escriptorio estava fechada. Quantas vezes d'ahi vira Luiza, e o brando movimento do seu leve chinez: mas uma janella no segundo andar tinha luz; era o quarto do tio. Macario vae observar mais de longe: uma figura estava encostada por dentro á vidraça: era o tio Francisco. Viu-lhe uma saudade de todo o seu passado simples, retirado, piaciido. Lembrou-lhe o seu quarto, e a velha carteira com fecho de prata, e a miniatura de sua mãe, que estava, por cima da barra do leito; e a sala de jantar e o seu velho apaparador de pau pre-



BRASIL — Fazenda Dumont, Ribeirão Preto

litação; trazia de Cabo Verde elemento de poderosos negocios; trabalharia, durante um anno hercoticamente, e ao fim poderia, socegadamente, crear uma familia.

E trabalho: pôz n'aquelle trabalho a força creadora da sua paixão. Erguia-se de madrugada, comia á pressa, mal falava. A tardinha ia visitar Luiza. Depois voltava soffregamente para o seu cofre. Estava grosso, forte, duro, fero: servia-se com o mesmo impeto das idéas e dos musculos: vivia n'uma tempestade de cifras. A's vezes Luiza, de passagem entrava no seu armazem: aquelle pouso de ave fugitiva dava-lhe alegria, valor, fé, reconforto para todo um mez cheiramente trabalhado.

Por esse tempo o amigo do chapéu de palha veiu pedir a Macario que fosse seu fiador por uma grande quantia que elle pedira para estabelecer uma loja de ferragens em grande. Macario, que estava no vigor do seu credito, cedeu com alegria. O amigo do chapéu de palha é que lhe deu o negocio providencial de Cabo Verde. Faltavam entre dois mezes para o casamento. Macario já sentia, por vezes, subirem-lhe ao rosto as febris vermelhidões da esperanza. Já começava a tratar dos *banhos*. Mas um dia o amigo do chapéu de palha desappareceu com a mulher de um alferes. O seu estabelecimento estava em começo. Era uma confusa aventura. Não se pôde nunca precisar nitidamente aquelle *embroglio* doloroso. O que era positivo é que Macario era fiador. Macario devia reembolar. Quando o soube empallideceu e disse simplesmente:

— Líquido e pago!

E quando liquidou ficou outra vez pobre. Mas n'este mesmo dia, como o desastre tivera uma grande publicidade, e a sua honra estava sanctificada na opinião, a casa Peres & C.ª, que o mandara a Cabo Verde, veiu propor-lhe uma outra viagem e outros ganhos.

— Voltar a Cabo Verde outra vez!

— Faz outra vez fortuna, homem. O senhor é o diabo, disse o sr. Eleuterio Peres.

to, e a grande caneca da agua, cuja aza era uma serpente irritada. Decidiu-se, impellido por um instincto bateu á porta. Bateu outra vez. Sentiu abrir a vidraça, e a voz do tio perguntar:

— Quem é?

— Sou eu, tio Francisco, sou eu. Venho dizer-lhe adeus.

A vidraça fechou-se, e d'ahi a pouco a porta abriu-se com um grande ruido de ferrolhos. O tio Francisco tinha um candieiro de azeite na mão. Macario achou-o magro, mais velho. Beijou-lhe a mão.

Suba, disse o tio.

Macario ia calado, coisido com o corrimão.

Quando chegou ao quarto o tio Francisco poizou o candieiro sobre uma larga mesa de pau santo, e de pé, com as mãos nos bolsos, esperou.

Macario estava calado, anediando a barba.

— Que quer? gritou-lhe o tio.

— Vinha dizer-lhe adeus; volto para Cabo Verde.

— Boa viagem. E o tio Francisco, voltando-lhe as costas, foi rutar na vidraça.

Macario ficou immovel, deu dois passos no quarto todo revolvido e ia sahir.

— Onde vae, seu estúpido? gritou-lhe o tio.

— Vou-me.

— Sente-se ali. E o tio Francisco falava, com grandes passadas pelo quarto.

— O seu amigo é um canalha! Loja de ferragens! Não está má! O senhor é um homem de bem. Estúpido, mas homem de bem. Sente-se ali! Sente-se! O seu amigo é um canalha! O senhor é um homem de bem! Foi a Cabo Verde! Bem sei! Pagou tudo. Está claro! Também sei! Amanhã faz favor de ir para a sua carteira, lá para baixo. Mandei pôr palhinha nova na cadara. Faz favor de pôr na factura Macario e sobrinho. E case, case e que lhe preste.

Levante dinheiro. O senhor precisa de roupa branca e de mobília. Levante dinheiro. E metta na minha conta. A sua cama lá está feita.

Macario queria abraçal-o estonteado, com as lagrimas nos olhos, radioso:

— Bem, bem, Adeus.

Macario ia sair.

— Oh! burro, pois quer-se ir embora d'esta casa?

E indo a um pequeno armario trouxe geleia, um covilhete de doce, uma garrata antiga do Porto e biscoitos.

— Coma.

E sentando-se ao pé d'elle, e tornando a chamar-lhe estupidamente tinha uma lagrima a correr-lhe pelo engeitado da pelle.

De sorte que o casamento foi decidido para d'alli a um mez. E Luiza começou a tratar do seu enxoval.

Macario estava então na plenitude do amor e da alegria.

Via o fim da sua vida preenchido, completo, radioso. Estava quasi sempre em casa da noiva, e um dia andava-a acompanhando, em compras, pelas lojas. Elle mesmo lhe quizera fazer um pequeno presente, n'esse dia. A mãe tinha ficado n'uma modista, n'um primeiro andar da rua do Ouro, e elles tinham descido, ale-

— Deixa vêr se serve, disse Macario.

E tomando-lhe a mão, mettu-lhe o anel devagarinho, docemente no dedo; e ella ria, com os seus brancos dentinhos finos, todos esmalçados.

E' muito largo, disse Macario, que pena!

— Aperta-se, querendo. Deixe a medida. Tem-no prompto ámanhã.

— Boa idéa, disse Macario; sim, senhor. Porque é muito bonito. Não é verdade? As perolas muito eguaes, muito claras. Muito bonito. E estes brinços? — acrescentou, indo ao fim do balcão, a outra montre. — Estes brinços com uma concha?

— Les moedas — diz o caixeiro.

E no entanto Luiza continuava examinando os aneis, experimentando-os em todos os dedos, revolvendo aquella delicada montre scintillante e preciosa.

Mas de repente o caixeiro fez-se muito pallido, e affirmou-se em Luiza, passando vagarosamente a mão pela cara.

— Bem, disse Macario, approximando-se; então ámanhã temos o anel prompto. A que horas?

O caixeiro não respondeu e começou a olhar fixamente para Macario.



ALGARVE. — Pego dos Cavallos, em Loulé

gremente, rindo, a um ourives que havia em baixo, no mesmo predio, na loja.

O dia estava d'inverno, claro, fino, frio, com um grande céu azul ferrete profundo, luminoso, consolador.

— Que bonito dia! disse Macario.

E com a noiva pelo braço, caminhou um pouco, ao comprido do passeio.

— Está! disse ella. Mas podem reparar; nós sós...

— Deixa, está tão bom...

— Não, não.

E Luiza arrastou-o brandamente para a loja do ourives. Estava apenas um caixeiro, trigueiro, de cabelo hirsuto.

Macario disse-lhe:

— Querias ver aneis.

— Com pedras, disse Luiza, e o mais bonito.

— Sim, com pedras, disse Macario; amethista, granada. Emfim, o melhor.

E no entanto Luiza ia examinando as montres forradas de veludo azul, onde reluziam as grossas pulseiras cravejadas, os grilhões, os collares de camaphéus, os aneis d'armas, as finas alianças frágeis como o amor, e toda a scintillação da pesada ourivesaria.

— Vê, Luiza, disse Macario.

O caixeiro tinha estendido na outra extremidade do balcão, em cima do vidro da montre, um reluzente espalhado de aneis de ouro, de pedras, lavrados, esmalçados; e Luiza tomando-os e deixando-os com as pontas dos dedos, ia-os correndo e dizendo:

— E feio. E pesado. E largo.

— Vê esta, disse-lhe Macario.

Era um anel de pequenas perolas.

— E' bonito, disse ella. E' lindo.

— A que horas?

— Ao meio dia.

— Bem, adeus; — disse Macario. E iam sahir. Luiza trazia um vestido de lá azul, que arrastava um pouco, dando uma ondulação melodiosa ao seu passo, e as suas mãos pequeninas estavam escondidas n'um regalo branco.

— Perdão, — disse de repente o caixeiro. Macario voltou-se.

— O senhor não pagou.

Macario olhou para elle gravemente.

— Está claro que não. Amanhã venho buscar o anel, pago ámanhã.

— Perdão, disse o caixeiro, mas o outro...

— Qual outro? disse Macario com uma voz surprehendida, adiantando-se para o balcão.

— Essa senhora sabe, disse o caixeiro. Essa senhora sabe.

Macario tirou a carteira lentamente.

— Perdão, se ha uma conta antiga...

O caixeiro abriu o balcão, e com um aspecto resolutivo:

— Nada, meu caro senhor, é de agora. É um anel com brilhantes que aquella senhora leva.

— Eu! disse Luiza, com a voz baixa, toda escarlate.

— Que é? Que está a dizer?

— E Macario, pallido, com os dentes cerrados, contrahido, fitava o caixeiro colericamente.

O caixeiro disse então:

— Essa senhora tirou d'alli um anel — Macario ficou immovel, encarrando-o. — Um anel com dois brilhantes. Vi perfeitamente. O caixeiro estava tão excitado, que a sua voz gaguejava, prendia-se espessamente. — Essa senhora não sei quem é, tirou o d'alli...

— Macario, machinalmente, agarrou-lhe no braço, e voltando-se

para Luiza, com a palavra abafada, gotas de suor na testa, livido:

— Luiza, dizo... — mas a voz cortou-se-lhe.

— Eu... — disse ella, Mas estava tremula, assombrada, enfiada, decomposta; e tinha deixado cair o regajo no chão.

Macario veio para ella, agarrou-lhe no pulso fitando-a: e o seu aspecto era tão resolutivo e tão imperioso, que ella metteu a mão no bolso, bruscamente, apavorada, e mostrando o anel:

— Não me faça mal, disse, encolchendo-se toda.

Macario ficou com os braços cahidos, o ar abstracto, os beiços brancos; mas de repente, dando um puxão ao casaco, recuperando-se, disse ao caixeiro.

— Tem razão. Era distracção. Está claro. Esta senhora tinha se esquecido. E' o anel Sim Sim, senhor, evidentemente. Tem a bondade. Toma, filha. Toma. Deixa estar, este senhor embrulha-o. Quanto custa?

Abriu a carteira e pagou.

Depois apanhou o regalo, sacudiu-o brandamente, limpou os beiços com o lenço, deu o braço a Luiza, e dizendo ao caixeiro, *desculpe, desculpe*, levou-a, inerte, passiva, extinta e aterrada.

Deram alguns passos na rua. Um largo sol aclarava o genio feliz: as seges passavam, rolando ao estalido do chicote: figuras risonhas passavam conversando: os pregões ganiam os seus gritos alegres: um cavalleiro de calcão d'anta fazia ladear o seu cavallo, enfeitado de rosetas; e a rua estava cheia, ruidosa, viva, feliz e coberta de sol.

Macario ia machinalmente como n'um fundo de um sonho. Parou a uma esquina. Tinha o braço de Luiza passado no seu; e via-lhe a mão pendente, ora de cêra, com as veias docemente azuladas, os dedos finos e amorosos: era a mão direita, e aquella mão era a da sua noiva! E instinctivamente leu o cartaz que annunciava para esta noite *Palafaz em Sarragoça*.

De repente, soltando o braço de Luiza, disse-lhe bixio:

— Vae-te.

— Ouve, disse ella, com a cabeça toda inclinada:

— Vae-te. — E com a voz abafada e terrível. — Vae-te. Olha que chamo. Mando-te para o Aljube. Vae-te.

— Mas ouve, Jesus, disse ella.

— Vae-te! — E fez um gesto com o punho cerrado.

— Pelo amor de Deus não me batas aqui, disse ella suffocada.

— Vae-te, podem reparar. Não chores. Olha que veem. Vae-te.

E chegando-se para ella, disse baixo:

— E's uma ladra.

E voltando-lhe as costas, afestou-se, devagar, riscando o chão com a bengala.



Uma primavera... brasileira

A distancia voltou-se: ainda viu, através dos vultos, o seu vestido azul.

Como partiu n'essa tarde para a provincia, não soube mais d'aquella rapariga loura.

Eça de Queiroz.



## Traduções livres de H. Heine

I

Pescadôra gentil, nauta graciosa  
Deixa que á terra o barco teu se acote  
Conversemos, enquanto cariciosa,  
Do alto dos ceus tranquillos, desce a noute!

Dá-me essa mão crestada e pequenina,  
— Pomba que eu sinto inquieta a palpar; —  
No meu peito, sem medo, a face inclina!...  
Tens por ventura medo ao bravo mar?...

Pois como elle, que impavida tu sondas  
Dia á dia, tal é meu peito insano!...  
Tem tormentas, marés, voragens, ondas,  
E perolas no fundo como o Oceano!...

II

Envenenaste a fonte dos meus cantos,  
E como havia de não ser assim  
Se a mocidade e os seus extases santos  
Tu corrompêste para sempre em mim?!

Nunca mais cantarei canções dolentes:  
— Rosas nascidas no ideal jardim  
Da minha juventude enamorada —  
Faz-se-me o peito um ninho de serpentes!...  
E como havia de não ser assim,  
Se és tu quem vives n'elle, ó minha amada!...

III

Quando escuto saudosa e rediviva,  
A doce voz do meu amor d'outr'ora,  
Uma lenta amargura corrosiva,  
Me entra no coração, que ella devora!...

E uma aniedade subita, instinctiva,  
Me leva então ás asperas montanhas,  
Onde perpassam virações estranhas,  
E onde pendura os ninhos o condór;  
E ali, na solidão, destaz-se em lagrimas  
A minha immensa, incomportavel Dór!...

MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO.



## CONSELHOS ANTIGOS

Ama-se a gloria, teme-se a vergonha, e contudo não se resiste ao vicio. E' collocar-se no meio d'um pantano; quando se tem medo da humidade.

✕

Tu queres parecer honesto e moderado! Mas o homem honesto não insulta ninguém; o homem moderado, contente com o que possui, não faz mal a ninguém.

✕

Apreciar os homens de talento e os sábios e recusar-lhes a intimidade de que elles são dignos, é convidal-os, é fechar-lhes ao mesmo tempo a porta na cara.

✕

O artista que quer traçar um circulo perfeito deve empregar o compasso. O homem que quer cumprir perfeitamente com os seus deveres, deve estudar as lições e os exemplos dos sábios.

Moralistas chinezes.

# BRASIL-PORTUGAL

Composição e Impressão

Texto e capa: Companhia Nacional Editora

Largo do Conde Barão, 30

Páginas suplementares: Off.ª Estêvão Nunes & F.ª  
Rua d'Assumpção, 18 e 24

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA

Directores

Augusto de Castilho, Jayme Victor, Lorjô Tavares

Secretario da redacção — João Costa

Editor — Luiz Antonio Sanches

Redacção e administração — C. do Sacramento, 14, 3.ª  
End. telegraphico — BRATUGAL — LISBOA

## ASSIGNATURAS

ESTADOS UNIDOS DO BRASIL		PORTUGAL, ILHAS, E AFRICA		ESTRANGEIRO	
Anno.....	Moeda brasileira.....	Anno.....	5\$400	Anno.....	7\$400
Numero avulso	2\$000	6 mezes.....	2\$800	6 mezes.....	4\$000
		3 mezes.....	1\$500	Numero Avulso.....	3\$000
		Numero avulso.....	3\$500		

## SUMMARIO

## TEXTO

Política internacional — CONSIGLIERI PEDROSO.  
Singularidades de uma rapariga loura — EÇA DE QUEIROZ.  
Traduções livres de H. Heine — MARIA AMALIA VAZ DE CARYALHO.  
Conselhos antigos — MORALISTAS CHINEZES.

## GRAVURAS

CHARLES PAYE BRYAN — Ministro dos Estados Unidos da America, em Lisboa.  
CONSELHEIRO JOSÉ RIBEIRO DA CUNHA E SUA ESPOSA.  
O CONCLAVE — O Sacro Collegio reunido.  
PIO X — Papa successor de Leão XIII.  
BRASIL — Praia do Botafogo.  
CONVENTO DE SANTA CLARA (SANTAREM) — Frente do côro, o claustro e o fundo do côro.  
FAZENDA DUMONT, no RIBEIRÃO PRETO — Vários aspectos.

ALGARVE — Pego dos Cavallos, em Loulé.  
UMA PRIMAVERA... BRASILEIRA.

## MUSICA

VOZ DO DESTINO — Musica de M. Grisalde, condessa de Proença-a-Velha — Poemas de Theophilo Braga.

## 17 Illustrações

## Nas Ilhas

## FUNCHAL (Madeira)

E' representante do «Brasil-Portugal» o sr. H. Vieira de Castro, Director do Banco de Portugal.

## Bom conselho

— Como tu estás abatido, rapaz!  
— Que queres? Loucuras... excessos... o diabo!  
— Mas agora reparo... Tu estás forte, rijo, com boas côres. E eras tão franzino!  
— Cousas, meu velho. Faze como eu. Toma o **Chocolate Brasil**, que se fabrica no Moimho de Ouro, no Largo de S. Francisco do Rio de Janeiro.

## ATELIER DE ALFAYATE



## ANTONIO DO COUTO

Premiado na Exposição  
Universal de Paris de 1900

MAGNIFICO SORTIMENTO DE FAZENDAS  
NACIONAES E ESTRANGEIRAS

Rua do Alecrim, 111, 1.º — LISBOA

Usem o solido calçado **ROCHA**

O MELHOR DO BRASIL

«S. PAULO»

Proveem os preciosos vinhos  
de Adriano Ramos Pinto



### CABINETE HYDROTHERAPICO

Dr. Mauperrin Santos

Médico de visitas | J. Mauperrin Santos  
J. Sibestre d'Almeida

Instalação hydrotherapica completa, de  
medias de algodão para benção e senhoras, inter-  
ramente a, por des e independentes, gal-  
anexo d'ele- cidade e massagem, banheir  
e a ymasalra dica, dirigidas por C. de Sog  
es. Tratam... e doenças nervosas e do mado  
maga

Horas das 8 de 12 da manhã e das 3 de 5 da tarde.

ENDRELL: CASARNA DO DUQUE, 25  
SABADA DA BORDA, 11 LISBOA



MAISON NOUVELLE



MAISON NOUVELLE

Modas e Confecções

Com atelier de modista e alfaiate.

ANTONIO RODRIGUES CHAMUSCO

Rua do Carmo, 68 a 72 — Quinta das escadinhas de

Empreza Nacional de Navegação



Itenerario das carreiras para a Costa  
occidental e oriental d'África

SAHIDAS — Dia 6: Para Madeira,  
S. Vicente, S. Thiago, Principe, S.  
Thomé, Cabinda, Ambriz, Loanda,  
Novo Redondo, Benguella e Mossa-  
medes.

Dia 12: S. Thomé, Loanda, Lou-  
renço Marques, Beira e Moçambique.  
Dia 21: S. Thiago, Principe, S.  
Thomé, Cabinda, Santo Antonio do  
Zaire, Ambrizette, Ambriz, Loan-  
da, Novo Redondo, Benguella, e  
Mossamedes.

Para carga e passagens trata-se  
no escriptorio da Empresa, Rua da  
Prata, 8, 1.º

# VINHOS

## VILLAR D'ALLEN

## CHAMPAGNE

## VINHOS DE PASTO

Da Real Companhia Vinicola do Norte de Portugal

GERENTE: JOAQUIM JOSÉ GONÇALVES & C.ª

Rua 1.º de Marco, 59 — RIO DE JANEIRO

CARPINTARIA, MARCENARIA E SERRARIA

A VAPOR

DE

### José Maria Pereira Júnior

COMPLETO SORTIMENTO

DE

### Madeiras e Materiaes

Para construcções civis

Construcção e reconstrucção de predios

RUA S. JOSÉ, 62

RIO DE JANEIRO



EMPREZA INSULANA DE NAVEGAÇÃO

Para Madeira, Santa Ma-  
ria, S. Miguel, Terceira,  
Graciosa (Praia), S.  
Jorge (Vellas) Caes do  
Pico e Fayal.

Sae o vapor FUNCHAL, com-  
mandante Antonio Xavier de An-  
drade, no dia 5 de Agosto ás 40  
horas da manhã.

Trata-se com os agentes —  
Caes do Sodré, 84, 2.º

Germano Serri, Agente.

## BANCO NACIONAL

### ULTRAMARINO

Sociedade anonyma  
de responsabilidade limitada

SEDE EM LISBOA

49 — RUA NOVA D'EL-REI — 74

ULTRAMAR

Caixas Filiaes

S. Thiago de Cabo Verde — S.  
Thomé — Loanda — Benguella —  
Lourenço Marques — Nova Goa.

AGENCIAS

S. Vicente de Cabo Verde — Bo-  
lama — Mossamedes — Quelimane  
— Inhambane — Moçambique — Ma-  
cau.

## FECHO DE SEGURANÇA

# Joaquim Cruz

PRIVILEGIADO PELO GOVERNO BRASILEIRO

Adoptado pela Delegacia Fiscal  
na sua caixa forte

Premiado na exposição agricola, pastoril e industrial de S. Paulo

Este aparelho é destinado a commodos reservados, cai-  
xas fortes e especialmente a portas de sahida. Não tem char-  
nem orificio de especie alguma. Compõe-se de trancas e ferro-  
hos de ferro e de maçaneta subordinada á caixa do aparelho.  
Funciona por meio de segredo impenetravel e milhares de  
vezes mutavel, á vontade do possuidor, ficando a porta fechada  
com ferrolho e trancas de ferro por dentro.

É portatil de uma para outra casa ou porta, pois tanto os  
ferrolhos como as trancas tem graduacão para diversas altu-  
ras e larguras de portas.

UNICOS DEPOSITARIOS

## C. P. VIANNA & C.ª

Rua do Commercio, 11 e 13

S. PAULO

**JULIO LIMA & C.<sup>a</sup>**



**FABRICANTES DE CHAPEUS DE FELTRO**

**Fabrica**

167, RUA DE S. CHRISTOVÃO, 167

**Deposito**

46, RUA DE S. PEDRO, 46

End. telég. — JULIMA

**RIO DE JANEIRO**

FABRICA FUNDADA EM 1897 — Ocupa a área de 12.000 metros quadrados

**MACHININHOS MODERNOS E APERFEIÇADOS**

Os seus productos rivalizam vantajosamente com os importados do estrangeiro. Esta fabrica, foi distinguida com o

**Diploma de Honra**

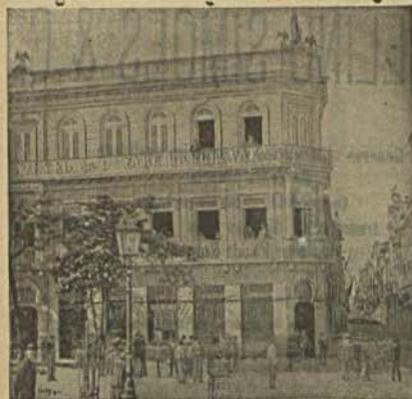
**O mais distincto de todos os premios**

na Exposição Artístico Industrial de 1900, primeira a que concorreu. — Absteve os principaes mercados do paiz.

**Fabrica Confiança de Gravatas**

**VENDAS POR ATACADO**

Endereço telegraphico — GRAVATAS



**J. AZEVEDO & C.<sup>a</sup>**

Largo de S. Francisco de Paula, 4 B

**RIO DE JANEIRO**

**MARTINS, VIANNA, VAZ & C.**

CONCESSIONARIOS DE

**F. F. VAZ & C.<sup>a</sup> e VIANNA, CASTRO & C.<sup>a</sup>**

**Fabrica de marmelada**

**Fructas em conserva**

Assucar em grosso e refinado — Confeitaria

— Molhados — Velas —

Sabão — Kerozene — Oleos, etc.

Telegramma **VAZ**

Caixa postal — 484

**154, Rua de S. Pedro, 155**

**67, Rua Andradas, 67**

**RIO DE JANEIRO**

**The Pacific Steam Navigation Company**

**Caes do Sodré, 64, 1.<sup>o</sup>**

**LISBOA**

**OS AGENTES — E. Pinto Basto & C.**



Viagens rapidas para o Brazil e portos do Pacifico. Carreira quinzenal (as quartas feiras alternadas). Grandes paquetes, luz electrica, luxo e todas as commodidades. Preços modicos para S. Vicente, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Montevidéu, Valparaiso, portos do Chili e Peru, e, na volta, para La Pallice e Liverpool.

# COMMISSARIOS DE CAFÉ

## João Jorge, Figueiredo & C.<sup>a</sup>



Rua Visconde do Rio Branco n.º 16  
Caixa n.º 29 **SANTOS**

Toda a correspondencia deve ser dirigida á casa matriz, caixa n.º 69.

**CAMPINAS**

## CASA PAIVA

Completo sortimento em casimiras, fazendas, modas, armarinho e perfumarias

TELEPHONE N.º 423

## SOUZA OLIVEIRA & C.<sup>IA</sup>

Enxovaes para casamentos e baptisados

Rua 15 de Novembro n.º 15 e Thesouro, 1 e 3

**São Paulo BRAZIL**

## ALFAYATERIA "CONFIANÇA"

R. dos Paquetaes, 101, t.º 2

JAYME PIRES & COM.<sup>TA</sup>

Fazendas nacionais e estrangeiras  
Confecções para homens, senhoras e crianças. Fardamentos militares e todos os uniformes.

Preços resumidos

Falcos completos pretos, azues e em cores, de

6\$000 a 20\$000

Ditos de fazendas estrangeiras, de

12\$000 a 32\$000

Knottido sortimento em sobretudos,  
Doublets-capas e varzins d'Aveira  
Capas á hespanha, fabrica especial da nossa casa, de

12\$000 a 22\$000

## OFFICINAS PHOTOGRAPHICAS

sob a direcção technica de

**ARNALDO FONSECA**

RETRATOS a toda a hora e com todo o tempo.

NOVIDADE: — Retratos de noite das 7 ás 10 horas.

Estes retratos são d'um inextinguivel modelado.

38, PRAÇA DOS RESTAURADORES, 38

Os mais puros e genuinos vinhos do mundo  
DA  
ANTIGA E UNIVERSALMENTE ACREDITADA CASA

## Ferreirinha

de PORTO e REGOA  
(FUNDADA EM 1752)

VINHOS VELHOS DE 1812 E 1815  
(reserva especial)

Recommendados pelos Srs. medicos para os anemicos,  
dyspepticos, doentes e convalescentes

VINHOS ADAMADOS

Bastardo, Malvasia e Moscatel

muito apreciados por todas as senhoras

Marcas para o commercio

Vesuvio -- Ferreirinha -- Cruzeiro -- Nogueiras e Cosmopolita

A' venda em todas as Confeitarias, Hoteis, Botequins,  
Armazens e Vendas

Deposito — RUA 1.º DE MARÇO, N.º 17 — RIO DE JANEIRO  
**FONSECA & SA**

SAQUES sobre Portugal, Ilhas, Hespanha, Italia  
Paris e Londres

## ANGELINO SIMOES & C.

Generos alimenticios de primeira qualidade

De conta propria

Commissões e consignações

Importação e transacções directas com as principaes praças  
do Brazil e da Europa

Vastos armazens nos novos predios recente e expressamente edificadas  
para este ramo de negocio em larga escala.

Rua do Mercado, n.º 81

Rua do Rosario, n.º 1 a 5

Beco da hapa dos Mercadores, n.º 6 e 8

**RIO DE JANEIRO**

End. telegraph **ANGELINO**

Caixa postal 1054

# Antonio Constancio Vieira

COMMERCIANTE

**VENDAS POR ATACADO E A RETALHO**

**GRANDE ARMAZEM**

**·Oceana Buildings· — BEIRA**

**AFRICA ORIENTAL**

Ferragens, cabos para navios, instrumentos de serralharia, loiça e objectos esmaltados, cordas, cordoalha, fios de arame de latão e cobre, oleos e tintas para pinturas, vernizes, chaminés para candieiros, vidros (cortados, de quaesquer dimensões), encerados, papelaria, artigos de escriptorio, livros de contas, etc., etc.

**GARTUCHAME**

Para Martini-Henry, Lu-Metford, et c. Balas munições de chumbo, capsulas, buchas, aparelhos de carregar espingardas, etc.

**FABRICA DE TECIDOS DE LÃ E ALGODÃO**



**BERGMAN KOWARICK & C.º**

Endereço Teleg.: BERKO — S. Paulo

**Estação de S. Bernardo**

**ESTADO DE S. PAULO — BRASIL**

**Escriptorio — Casa C. P. VIANNA — Rua do Commercio, 11 e 13**

**S. PAULO**

# ESCOLA ACADEMICA

Instituída em 1 de outubro de 1847

**Fundador — Antonio Florencio dos Santos**

DIRECTOR E PROPRIETARIO

**Jayme Maupeirin Santos**

Bacharel formado em Philosophia e Medicina

pela Universidade de Coimbra;

Lente do Instituto Industrial e Commercial de Lisboa

Medico dos Hospitais Civis

INSPECTOR DOS ESTUDOS

**Antonio Dias de Sousa e Silva**

Bacharel formado em Philosophia, com o curso

de Mathematicas puras pela Universidade de Coimbra

Curso Theologico no Seminario de Vizeu

e Professor de Mathematica da Escola Academica desde 1874

## Distribuição do tempo dos alumnos internos

Levantam-se ás 5 3/4, excepto os da classe infantil. Seguem immediatamente para as salas de banho, onde todos tomam diariamente um banho geral d'aspersão, frio ou morno, conforme lhe está preceituado.

As salas de banho, installadas no centro dos dormitórios, uma em cada andar, tem cada uma 17 banhos d'aspersão, separados uns dos outros, permitindo assim que 34 estudantes possam banhar-se e lavar-se ao mesmo tempo. Terminada a lavagem, regressam aos dormitórios, onde completam a sua toilette.

As 6 1/4 dirigem-se as diferentes secções á Capella, rezam a sua oração da manhã e descem em seguida para o andar das aulas, onde se distribuem conforme os cursos e respectivos annos, tendo o seu primeiro estudo das 6 1/2 ás 7 1/2 horas da manhã.

As 7 1/2 é servido o almoço, que consta d'um prato de garfo, chá e pão com manteiga. Terminado o almoço, ás 8 horas, tem recreio até ás 9 horas.

Das 9 horas ao meio dia, 1.º periodo de aulas, havendo ás 10 e 11 horas pequenos intervallos, que permitem a mudança dos professores e o descanso dos alumnos.

Do meio dia ás 2 horas ha tuda interrupção geral de todos os trabalhos litterarios. Durante este periodo tem lugar o lunch e as aulas de recreio: — gymnastica, dança, jogos de florete e de pau, esgrima, musica theorica e instrumental. Todos os alumnos são obrigados á frequencia d'estas aulas (sem pagamento especial para isso), estando divididos em grupos, que alternam durante este periodo na frequencia d'estas aulas e nos recreios e jogos (Law-tennis, Malha e Croquet).

Lisboa e secretaria da Escola Academica, aos 11 de abril de 1901.

Das 2 ás 4 horas, 2.º periodo de aulas, havendo ás 3 horas o intervalo neccessario para as mudanças dos professores e descanso dos alumnos.

As 4 horas, jantar, que consta de sopa, dois pratos, vinho e sobremesa, conforme a *tabella das refeições que corre impressa*.

Das 5 ás 7, recreio geral nos tetayços, jogos ou salas de recreação, estando ali os alumnos divididos em 5 sec.ões, conforme as suas edades.

As 7 horas, estudo geral nas suas respectivas aulas, que dura até ás 9 horas da noite, excepto a instrução primaria, cujo trabalho termina ás 8 1/2 da noite.

As quartas e sabbados, das 8 1/2 ás 9, uma das 5 secções, em que os alumnos internos estão divididos, tem uma catechese do capello da Escola para o seu ensino moral e religioso e explicação da doutrina christã.

As 9 horas, ceia, que consta de leite e pão. Em seguida dirigem-se as diferentes secções á Capella, rezam a oração da noite e recolhem aos dormitórios.

Nos domingos e dias sanctificados levantam-se ás 6 1/2. Depois do almoço, assistem á missa na Capella da Escola e á explicação do Evangelho do dia, feita pelo capello.

As 11 horas ouvem uma pequena preleção sobre assumptos de hygiene, feita pelo Director.

1 Durante este periodo tem lugar os estudos da fundação de uma, dirigidos pelos respectivos professores, e as aulas esportivas de manha.

O DIRECTOR — MAUPEIRIN SANTOS



Exportadores  
Para todos os Estados  
do Brasil

Offices instalados  
em todos os estabelecimentos  
do comercio

AGENCIA  
EM  
TODOS OS ESTADOS

TELEGRAMAS  
PINTO MONTEIRO  
Calle de Garayoa-284

101, RUA DO HOSPICIO, 101

DIA DE JANTAR

VINHOS VELHOS  
LEGITIMOS DO PORTO

Premiados nas exposições

DE

PORTO  
REGISTRADA  
BANCA DE COMERCIO

Londres, 1862; Porto, 1865; e Paris, 1867 e 1878

ANTIGA CASA

João Eduardo dos Santos

Fundada em 1845

Os vinhos com o nome de minha casa só devem ser considerados genuinos e authenticos, quando tiverem nos rotulos, capsulas, rolhas, caixas ou cascos, a marca do commercio registrada de que uso.

A venda em todas as casas de primeira ordem

JOÃO EDUARDO DOS SANTOS JUNIOR

PORTO

# EMPRESA DAS AGUAS DE VIDAGO

AS MAIS AFAMADAS DA EUROPA

Premiadas com medalha de ouro em todas as exposições nacionaes e estrangeiras a que teem concorrido

FONTES EXPLORADAS: VIDAGO, OURA, VILLA VERDE E SABROZO

**FONTE VIDAGO:** E' inconfundivel. E' a agua alcalina mais rica e de maior fama da peninsula.

Efficacissima em todos os padecimentos de estomago, fgado e rins.

**FONTE DE VILLA VERDE:** Riquissima como nenhuma outra, em acido carbonico, eliminando-se pelas vias urinaarias, combate e evita effica.

mente a producao da gravella branca ou phantastica.

**FONTE DE OURA:** Riquissima em bicarbonato de ferro,

arsenicil e phosphatada, tem excepcionaes qualidades reconstituintes, estimulando o organismo e melhorando a nutricao.

E' infallivel na cura das nevralgias menstruaes.

**FONTE DE SABROZO:** A rainha das aguas de peza em Portugal e a mais barata. Preço com garrafa; 1/4 de litro, 80 réis; 1/2 litro 120; 1 litro, 160.

Descontos de 20 0/0 aos srs. revendedores, desde 25 garrafas.

Esta Empresa põe, de sua conta, em qualquer das estações do Minho e Douro, Companhia Real, Beira Alta e Beira Baixa, Alfaiellos e Figueira todas as aguas quando as requisições sejam de duas caixas, ou de ali para cima.

Para o publico não ser illudido na sua boa fé com aguas de absoluta inferioridade medicinal, exija sempre: «Fonte Vidago, Oura, Villa Verde e Sabrozo».

## Estabelecimento Hydrologico

Magnificos hotels, Encantadoras palazons. Medico, pharmacia e todas as commodidades proprias d'uma estancia de primeira grandeza.



Abre em 1 de junho e fecha em 30 de setembro

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao gerente — **Vidago**

DEPOSITO GERAL E ÚNICO NO PORTO

PRAÇA DE CARLOS ALBERTO, 66 E 68

A LA  
**FASHIONABLE**

—

**CHAPEUS**

Para senhoras e crianças

—

**ANGELINA JUSTI**

—

Rua de S. Bento, 27 - A

—

**S. PAULO**

## POSECAS, SANTOS & VIANNA BANQUEIROS

R. D'EL-REI (VULGO CAPELLISTAS), 120  
— LISBOA —

### SOCIOS:

Carlos Ferreira dos Santos Silva, Francisco da Silveira Vianna  
e Joaquim Pinto da Fonseca

Compram e vendem fundos publicos nacionaes e estrangeiros, acções de bancos e companhias. Tomam e saccam letras sobre todas as praças estrangeiras e do reino. Recebem generos e fundos publicos á consignação. Recebem depositos em conta corrente a juro convencional, á vista ou a prazo. Fazem todas as operações de casa bancaria e de commissão.

## PHARMACIA ASSIS

PHARMACEUTICO

C. de Assis Ribeiro

Completo sortimento de drogas,  
productos chimicos e pharmaceuticos,  
pelos preços das drogas

Rua 15 de Novembro, 2

S. PAULO

# DANIEL MONTEIRO D'ABREU

Agente dos BANQUEIROS

## PINTO DA FONSECA & IRMÃO

DO  
PORTO

### SAQUES:

Sobre 300 agencias em Portugal e Ilhas

» 800 » » Hespanha

» 3.600 » » Italia e Syria

» **Londres e Paris**

Por conta dos BANQUEIROS

**PINTO DA FONSECA & IRMÃO**

*As letras entregam-se immediatamente*

Rua 15 de Novembro, n.º 7.

(No edificio do Consulado de Portugal.)

**S. PAULO (BRASIL)**

**GRANDE DEPOSITO**  
de encanamentos e aparelhos para agua, gaz e exgottos  
**IMPORTAÇÃO DIRECTA**

**J. SIMÕES & COMP.**

com officina para execução de installações  
e todos os trabalhos concernentes ao ramo

Fabrica de fogões economicos  
**TRABALHOS DE FUNILARIA, ETC.**

Attende-se ás encomendas da capital e do interior  
PREÇOS MODICOS  
RUA DA BOA VISTA, N. 46-S. PAULO-Brasil

**MALA REAL INGLEZA**

ROYAL MAIL  
STEAM PACKET COMPANY

Viagens quinzenaes

PARA O

**BRASIL E RIO DA PRATA**

Pelos magnificos vapores  
d'esta antiga Companhia

Prestan-se todas as informações  
na rua d'El-Rei, 31.

OS AGENTES,  
**JAMES RAWES & C.**

Deposito Sanguinhal  
Vinhos tintos e brancos  
DO  
**SANGUINHAL**

Os melhores vinhos de meia  
**VINHOS**

DO  
**Porto e Madeira**

Cognac,  
Champagne,  
Licores, etc.

129 — RUA DO ALECRIM — 131  
Telephone N. 137

**LIVRARIA COLLEGIAL E ACADEMICA**  
DE  
**PEDRO DES. MAGALHÃES**

Completo sortimento de livros em todas as linguas  
e sobre todos os conhecimentos humanos

Papelaria, livros em branco e objectos para escriptorio

29, Rua do Commercio, 29

CAIXA POSTAL, 103

**S. PAULO-BRAZIL**

Companhia dos Messageries Maritimes

de Paquebots poste français  
Linha Transatlantica



Para Dakar, Pernambuco, Bahia,  
Rio de Janeiro, Santos, Montevideo  
e Buenos-Ayres

Os passageiros de 3.ª classe podem dirigir-se a ORRY ANTUNES & C.ª, n.º 4, Praça dos Remo-lares.  
Para a passagem, carga e todas as informações trata-se na Agencia da Companhia — 57, Rua Aurea.

Os agentes, SOCIEDADE TORLADES

**BANCO LUSITANO**

Sociedade anonyma  
de responsabilidade limitada

CAPITAL 800:000\$000 RÉIS

Faz operações bancarias  
nos seus  
variados ramos

Sede em Lisboa

Rua d'El-Rei, 85

**ARMAZEM**

DO

**PARC ROYAL**

**M. NUNES & C.ª**

Completo sortimento de todos os artigos

DE USO PARA

**Senhoras e para homens**

OFFICINA de costuras.

FABRICA de perfumarias.

FABRICA a vapor de roupas brancas.

OFFICINA e DEPOSITO de calçado.

Exportação para todos os Estados da Republica

**IMPORTAÇÃO DIRECTA**

**Preços fixos sem competencia**

L. de S. Francisco de Paula, 8 a 11

**RIO DE JANEIRO**